

O pensamento rizomático da personagem Fabiano do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos

The Rizomatic Thinking of Fabiano's Character in Vidas Secas, by Graciliano Ramos

Elizabete Gerlânia Caron Sandrini*
Instituto Federal do Espírito Santo/Colatina - Ifes

445

Luis Eustaquio Soares*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

RESUMO: Dialogando antes de tudo com o conceito de rizoma desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil platôs* (1980), este artigo, no plano do indecível, trabalha com a hipótese de um pensamento rizomático, em devir agreste, compondo o plano de consistência ficcional *Vidas secas* (1936), de Graciliano Ramos, principalmente considerando o personagem Fabiano. Contrapõe-se, assim, com parte significativa da fortuna crítica, ávida em concebê-lo como aquém do pensamento, como não pensável, não pensante, não humano. Num jogo dialógico, então, pelo entrelaçar das vozes teóricas e da voz da consciência do protagonista Fabiano, ora consoantes ora dissonantes, serão evidenciadas as miríades do pensamento do marido de sinha Vitória.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento rizomático. *Vidas secas*. Pensamento arborescente.

ABSTRACT: Dialoguing above all with the concept of rhizome developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari in *Mil platôs* (1980), this paper, in terms of the undecidable, works on the

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

hypothesis of a rhizomatic thinking, becoming rough, composing the fictional consistency plan *Vidas secas* (1936), Graciliano Ramos, especially considering the character Fabiano. Opposes, that way, with a significant part of the critical fortune, avid to conceive it as inferiority thoughts, as unthinkable, not thinking, not human. In a dialogical game, then the intertwining of theoretical voices of conscience and voice of the protagonist Fabiano, now sometimes dissonant consonants will be highlighted the myriad of thought sinha Victoria's husband.

KEYWORDS: Rhizomatic thought. *Vidas secas*. Arborescent thought.

[...] as *catigueiras* [...] estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas, retêm as terras que se desagregam, e formam, ao cabo, num longo esforço o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo - porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa.

Euclides da Cunha

Vidas secas (1938), saudado pela crítica literária especializada como obra-prima do escritor alagoano Graciliano Ramos, diferentemente dos romances graciliânicos que o antecederam, não possui uma personagem escritor. Ambientado no sertão nordestino, esta obra dá destaque para a realidade, os modos de ser e a condição de existência da família de Fabiano - sinha¹ Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, a cachorra Baleia e o papagaio - que, ao migrar pela catinga², por ocasião da seca, em busca de um lugar menos agreste para viver, deixa explícito que “O romancista intuiu admiravelmente a condição subumana do caboclo sertanejo” (CANDIDO; CASTELO, 1968, p. 295), condição sem a qual não seria possível a literatura, uma vez que esta emerge como potência subdesenvolvida, devir suburbano na urbanidade da vida corrente.

¹ Em *Vidas secas: os desejos de Sinha Vitória*, Belmira Magalhães expõe que nas Alagoas a palavra *sinhá* é usada para mulheres da classe dominante, esposas dos proprietários de terra e *sinha* para as pobres, casadas e dignas de respeito. Mediante tal análise, infere que, por isso talvez, Graciliano Ramos tenha optado por sinha Vitória (MAGALHÃES, 2001, p. 120).

² Ao longo deste trabalho, a fim de se manter o termo utilizado pelo escritor alagoano em sua obra, será utilizada a expressão “cattinga” e não “caatinga” ao se fazer referência, em certos momentos, ao sertão nordestino.

Fabiano, um típico vaqueiro da região, protagonista de *Vidas secas*, integra, junto com personagens de outros romances do escritor alagoano - Luís da Silva, Paulo Honório e tantas outras, a galeria das personagens mais importantes da obra desse romancista que fixou a região ocre do país, além dos aspectos da vida do homem. Assim, tendo em vista os vários campos de referência do texto, as várias entradas, procuramos encontrar uma “chave de leitura” capaz de levar em consideração os múltiplos aspectos da obra, uma vez que o título *Vidas secas* já fornece a chave para o que está em foco: a experiência-limite de um devir vaqueiro que cavalga na adversidade, às margens da civilização.

Essa experiência violenta Fabiano, fazendo com que ele prove sua própria aniquilação e deflagre outras situações-limite: ser seco de palavras. Fabiano não é o narrador. Ele quase não fala. Graciliano Ramos ocupa, então, o lugar do oprimido para falar por ele? Não. O “nordestino culto” deixa que o próprio marginalizado se exponha. Não pela voz articulada, mas pela da consciência. Esta, desestabilizadora de verdades únicas, é trazida à tona por intermédio do narrador em terceira pessoa. Fabiano é o excluído que, longe de ser a representação do sertanejo pitoresco e exótico tão evidenciado pela literatura romanesca brasileira, na de Graciliano Ramos se manifesta criticamente. Eis o argumento: a manifestação crítica do vaqueiro advinda do sua inquietação interior, do seu monólogo interior, se faz em forma de um pensamento rizomático. Objetivando, então, examinar tal pensamento, por meio do discurso interior do vaqueiro, as concepções teóricas da dupla francesa Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) serviram-nos de fio condutor.

Em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (2000), o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari se propõem a contribuir para a construção de uma nova imagem do pensamento que se efetive, não por meio de uma dicotomia, como normalmente se apresenta na estrutura edípica da

psicanálise freudiana, na informática, na linguística, mas sim por meio de uma teoria das multiplicidades. Com inclinação transdisciplinar, esses autores não se limitam à crítica da psicanálise, antes buscam apresentar propostas concretas do pensamento e para designar a teoria que conduz tais propostas, elegem o rizoma que é

[...] aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenativos, [...] inúmeras linhas fibrosas [...], que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do conjunto (GALLO, 2003, p. 93).

Os pesquisadores, ao transportarem da botânica a estrutura do rizoma, além de significar um novo campo para análise que se opõe ao paradigma arborescente estruturante do conhecimento - representado pela árvore, pela raiz, oportunizaram mecanismos que possibilitam novas interpretações, como a deste estudo. Asseveram os estudiosos franceses:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões [...]. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada [...]; se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 32).

Avizinhando-se ao conceito do rizoma, a imagem do pensamento proposta pelos franceses opõe-se à primazia da árvore ou da raiz que estabelece tudo de antemão. O pensamento, nessa vertente, não é arborescente, é horizontalidade multiplicadora das relações e dos intercâmbios que dele se originam, é um contínuo fluxo e refluxo - potência de interação e produção de sentidos. Assim, “[...] o cérebro não é uma matéria enraizada, [...] é muito mais erva do que uma árvore” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 25).

Partindo dessa premissa, temos subsídios para estabelecer que a personagem Fabiano - considerada por grande parte da crítica literária como um ser desprovido de consciência e racionalidade - é dotada de pensamento não arborescente, mas rizomático, ao qual seria possível designar como pensamento sertão ou pensamento suburbano, subdesenvolvido, que se inscreve às margens da filosofia, tal como supõe outro francês, Jacques Derrida no seguinte trecho de *Margens da filosofia*:

De posse deste poço, deste reservatório (*Vorrat*), a inteligência pode, pois, aí haurir e por à luz, produzir, 'exteriorizar o que é próprio' (*Eigentum*) sem mais ter necessidade, para que isto exista nela, da intuição exterior. 'Essa síntese da imagem interior, com efeito, tem desde então em si a determinação de poder ser colocado diante da inteligência (*vor die Intelligenz gestellt werden zu können*), de ter em si seu ser-aí (§ 454)'. A imagem não pertence mais à 'simples noite' (DERRIDA, 1991, p. 114).

O pensamento de Fabiano, sendo rizomático, não arborescente, é esse para o qual a inteligência, sendo seca, não tem a posse "do poço" do jogo metafísico entre um interior e um exterior. É um pensamento não pneumológico, rizomático porque se realiza no meio do silêncio metafísico civilizacional, não sendo talvez circunstancial que Hélio Pólvora tenha afirmado o seguinte sobre a família de Fabiano: "[...] são seres brancos, analfabetos, que não possuem sequer a consciência de figurarem na humanidade" (PÓLVORA, 1978, p. 133).

Em diálogo com Derrida, "não possuírem sequer a consciência de pertencerem à humanidade", como hipótese, equivaleria a não se fazerem como exterior do interior da metafísica da presença a si do humano, como urbano, como civilizado, como sopro de Deus, a tornar-se mais dentro quanto mais avança no fora, tal que o que existe no dentro do humano (sua subjetividade, seus saberes, sua experiência acumulada, seus poderes, enfim) venha a se dilatar e a se conformar e confirmar no fora, os espaços ocupados do mundo.

Fabiano e sua família podem ser concebidos como rizoma porque não são humanos, se compreendermos estes como sobre e juízo de Deus, metafísica assim de um dentro humano que se espalha por todos os espaços, confirmando-se como humano. Fabiano e sua família não se confirmam como humanos. A bruta luta pela sobrevivência os coloca numa posição indecível em que o humano e o não humano formam devires - e é aí que ele e sua família pensam, rizomaticamente, como humanos e não humanos.

É incrível, sob esse ponto de vista, como a crítica de modo geral tende a destacar o lado animal, de Fabiano, embora de forma negativa, como se Fabiano e sua família fossem inferiores por seus modos animais de ser e de estar. Por outro lado, dizer que Fabiano e sua família tornam indecíveis o humano e o animal, como está no horizonte argumentativo deste artigo, não quer dizer, sob ponto de vista algum, que sejam inferiores. Pelo contrário, quer simplesmente ponderar que pensam fora da metafísica da presença de um interior exteriorizado do e para o humano, horizonte a partir do qual é impossível o devir, logo também o rizoma, uma vez que este seja uma orquestração daquele.

A fim de confirmar como a crítica literária tende a negar sua suposta animalidade, talvez não seja circunstancial que Antonio Candido, para demonstrar a inexistência de pensamento em Fabiano, compara-o às personagens Paulo Honório de *São Bernardo* e Luís da Silva de *Angústia*. Nesse comparativo, utiliza-se do princípio fundamental de Descartes - *cogito ergo sum*³. O crítico se pronuncia:

Paulo Honório e Luís da Silva pensam, logo existem; Fabiano existe simplesmente. O seu mundo interior é amorfo e nebuloso, como o dos filhos e o da mulher. O que há neles são os mecanismos da associação e da participação; quando muito, o resíduo indigerido da atividade quotidiana. É, portanto, mais que simples, primitivo [...] (CANDIDO, 1992, p. 45-46).

³ A frase *cogito ergo sum* é uma conclusão a que chegou o filósofo e matemático francês René Descartes, após ter duvidado de sua própria existência. Mas, sabendo que podia pensar, que era um ser pensante, inferiu: “Penso, logo existo” (DESCARTES, 2002, p. 82).

Nessa mesma linha de pensamento, tem-se Álvaro Lins, que considerou um defeito técnico a excessiva introspecção em seres tão primários e rústicos. A essa vertente pode-se acrescentar, também, Rui Mourão que afirma: “O primarismo do raciocínio é geral e o vaqueiro se refere constantemente a seu estado de absoluta ignorância. Sem qualquer cultivo, a sua cabeça é fraca” (MOURÃO, 1969, p. 125).

Fabiano pensa porque é secamente, não humanamente pensável, porque o que define o devir é a conexão de singularidades, de heterogêneos. O heterogêneo humano, *fabianamente* indefinível, articula-se com o heterogêneo “mundo animal” da cachorra Baleia, produzindo uma família rizomática. Esta, por sua vez, conecta-se de forma heterogênea com o exterior agreste, fazendo emergir o pensamento ficcional *Vidas secas*.

Pensamento que nada tem de arborescente, como o da metafísica da presença a si do humano como exterior expressável da História do seu próprio interior. O pensamento Fabiano: seres sem consciência? Simplesmente existentes? De cabeça fraca? Dependente do ponto de vista, se arborescente, sim; se rizomático, não.

Para elucidar esses questionamentos, pretendemos, a exemplo do Velho Graça, auscultar o pensamento de Fabiano. Para levar a cabo tal proposta, porém, muitos caminhos há que se percorrer ainda. Tomamos, para a contínua caminhada, as seis características do rizoma, as quais Deleuze e Guattari chamam de princípios da conexão, da heterogeneidade, da multiplicidade, da ruptura assignificante, da cartografia e da decalcomania, e a teoria polifônica de Bakhtin, para melhor esclarecimento do que propomos.

Faz-se mister, então, lançar sobre Fabiano um olhar que o enxergue por dentro e por fora ao mesmo tempo. Ver com o olho torto de Alexandre⁴ - olho colocado *pelo avesso* - para assim ver com sensibilidade, “[...] a cabeça por dentro, os miolos, e nos miolos muito brancos [...]”, um campo entremeado pela multiplicidade. Dito de outra maneira, um campo entremeado por linhas com dimensões múltiplas que fazem interconexões com vozes-consciências e são produzidas infinitamente pelo matuto. Para melhor entendimento de esse enxergar o pensamento do marido de sinha Vitória, lançamos mão, inicialmente, do diálogo que o autor de *São Bernardo* estabeleceu com a vegetação característica do Nordeste ao caracterizá-lo. Diz o narrador: “[...] Fabiano [...] Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, *era como as catingueiras* [...]” (RAMOS, 2006, p. 19, grifo nosso).

As quipás, os mandacarus e os xique-xiques são plantas cujas raízes remetem ao modelo arbóreo do pensamento, já a catingueira, não. Ela é mais forte que tudo isso. Euclides da Cunha revelou ao seu interlocutor como são as catingueiras: solidárias às suas raízes e no subsolo em apertada trama

⁴ O livro de contos *Alexandre e outros heróis*, de Graciliano Ramos, publicado pela primeira vez em 1938, apresenta as aventuras de um contador de histórias. A personagem Alexandre conta quatorze histórias, em sua própria casa, para cinco pessoas. Ambientadas no nordeste do país, as histórias referem-se aos feitos físicos e intelectuais de Alexandre ou à relação dele com animais ou objetos excepcionais. No episódio *O olho torto de Alexandre*, o narrador relata sua primeira aventura. Nesta, relembra o dia em que saiu no encalço de uma égua fugida dos currais de seu pai. Após percorrer a mata, já caída a noite, adormeceu, e despertando viu um vulto à beira do rio, que julgou ser o animal desgarrado; lançou-se sobre o bicho desabalando numa carreira difícil, até voltar à fazenda. Só quando amanheceu, percebeu que havia cavalgado uma onça em vez da égua. Maior surpresa, entretanto, causou à família ao aparecer sem o olho esquerdo, certamente perdido na travessia pela mata em cima da onça. Saiu, então, em busca do olho e, achando-o num espinheiro, recolocou-o: “[...] E já estava desanimado, quando o infeliz me bateu na cara de supetão, murcho, seco, espetado na ponta de um garrancho todo coberto de moscas. Peguei nele com muito cuidado, limpei-o na manga da camisa para tirar a poeira, depois encaixei-o no buraco vazio e ensangüentado. E foi um espanto, meus amigos, ainda hoje me arrepio. Querem saber o que aconteceu? Vi a cabeça por dentro, vi os miolos, e nos miolos muito brancos as figuras das pessoas em que eu pensava naquele momento. [...] Assombrei-me. [...] Refletindo, consegui adivinhar a razão daquele milagre: o olho tinha sido colocado pelo avesso. [...] Por isso apanhava os pensamentos [...]. Meti o dedo no buraco do rosto, virei o olho [...]. Quando me vi no espelho, depois, é que notei que o olho estava torto. [...] E acreditem vossemecês que este olho atravessado é melhor que o outro” (RAMOS, 1986, p. 36).

vencem, pela capilaridade do inextrincável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos. Assim é Fabiano. No subsolo de seus pensamentos, as inúmeras vozes sociais que absorve - pontos de vista - se entrelaçam formando uma rede, um rizoma. Isso o possibilita vencer a insaciável sucção de sua interioridade. Assim, entendemos que o vaqueiro, apesar de rústico e primário, existe, mas não simplesmente. Possuidor de um traço superior à passividade de uma evolução vegetativa, vive numa sinfonia polifônica de reflexões rizomáticas, pois “[...] interiormente sua vida mental é [...] dilatada, remoente” (CÂMARA, 1978, p. 291).

Deleuze, no século XX, foi o filósofo que mais rompeu com a visão aristotélica do homem⁵. Ele afirma que, em todas as formas da natureza, mesmo ao nível dos rochedos e das plantas, o pensamento encontra-se nas existências mais elementares, nas mais embrionárias, como pura faculdade de sentir. Logo, o pensamento deixa de ser exclusividade do homem. Para justificar a existência do pensamento nas diversas formas da natureza, tanto orgânica quanto inorgânica, ou seja, tanto no homem, nas plantas, nos animais quanto no rochedo, o teórico francês propõe o conceito de microcérebro. Assim, infere: “Nem todo o organismo é cerebrado, e nem toda a vida é orgânica, mas há por todo o lado forças que constituem microcérebros, ou uma vida inorgânica das coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 200).

Nessa perspectiva, Fabiano é uma potência, por todos os lados possui forças mentais que constitui um exercício do seu microcérebro. Deleuze afirma que “É o cérebro que pensa e não o homem, o homem é só uma cristalização cerebral” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 197-198). Entender o pensamento da personagem vaqueiro, portanto, é descentrar o pensamento - vinculado unicamente ao homem - das faculdades que lhe são sempre associadas: razão, entendimento, racionalidade, e compreendê-lo como um rizoma, como vida

⁵ Para Aristóteles, o homem é o detentor de uma característica única: a racionalidade. Essa característica, segundo o filósofo, o eleva acima de todos os outros animais.

inorgânica imanente ao homem, ao animal, às plantas e aos minerais. Por outras palavras, trata-se de compreender a personagem graciliânica como uma nova experiência do pensamento, não como racionalidade exclusiva do homem, mas como conexão rizomática do mundo, pois prolifera em sua multiplicidade.

A dilatação mental de Fabiano se processa, então, levando-se em consideração o primeiro princípio do rizoma, por cadeia de conexões múltiplas e heterogêneas. Ao pensar, o vaqueiro estabelece relações com múltiplos elementos e em diversos aspectos. Tudo se relaciona com tudo, como por exemplo, no trecho do capítulo *Cadeia*, em que, apesar da certeza de que não morreria tão cedo, o vaqueiro emaranha uma multiplicidade de ideias para vislumbrar o futuro dos filhos. Leia-se a narrativa:

Viveria muitos anos, viveria um século. Mas, se morresse de fome, ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatu. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da Bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morreria por causa do estômago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? [...] Seu Tomás da bolandeira era que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos (RAMOS, 2006, 24-25).

Pelo excerto acima, nota-se, que o vaqueiro conecta vários pontos - sua fome, a postura do patrão, o devir tatu, a sabedoria de seu Tomás, o desaparecimento das secas. Com isso, transita por vários campos - o social, o político, o econômico, o cultural, caracterizando, confrontando e correspondendo essas linhas de pensamento, tão heterogêneas, umas com as outras, num exercício permanente de flexibilidade que dá forma ao seu pensamento. Essa forma de pensamento cria conexões heterogêneas, ligações, e brota como uma erva. Tem-se, assim, a própria noção de heterogeneidade

constitutiva de que fala Bakhtin, ou seja, o sujeito é todo um conjunto de vozes sociais que se entrelaçam, se conectam e constituem parte de um ser em evento. Dentro dessa lógica, nasce em Fabiano o pensamento sobre a possibilidade de seus filhos, livres da seca, poderem deixar de ser secos e famintos de palavra e de voz, pois não adianta ser dotado de sabedoria se não se sabe sobreviver aos desmandos sociais e aos desígnios do meio.

Fabiano vai conectando pontos de vista divergentes e concebendo a realidade como “[...] uma multiplicidade que não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 16). Dessa forma, seu pensamento abarca e legitima diferentes pontos de vista, em oposição à uma verdade única. A passagem em que o matuto vai à cidade para fazer compras ciente de que, além de ser furtado no preço e na medida o querosene e a cachaça são batizados, evidencia isso:

Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapadura. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais. [...]
Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida [...] dirigiu-se à bodega de seu Inácio [...].
Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga [...]. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha água. Por que seria que seu Inácio botava água em tudo? Perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodeguero:
- Por que é que vossemecê bota água em tudo? Seu Inácio fingiu não ouvir (RAMOS, 2006, p. 27-28).

O vocábulo “batizado”, como qualquer outro que não seja uma palavra impessoal da língua, possui dialogização interna, ou seja, ouve-se no interior dessa palavra a voz do outro. Fabiano, ao construir seu discurso, leva em conta a voz alheia. Ao fazer isso, conecta à sua voz, outras vozes. Expressa na comunicação do cotidiano, a palavra “batizado”, assimilada por Fabiano,

encontra-se carregada da voz de outrem. Manifestada na voz social como um sacramento, um rito de passagem purificador, em que se banha, lava, derrama, imerge o iniciado na água, o termo em questão, na voz de Fabiano, ao desviar-se do uso cotidiano e estabelecer conexão semântica adversa da usual, torna-se polêmico, bivocal devido às vozes estarem em discussão.

Por meio dessa heterogênea conexão - a voz do outro e a sua - o vaqueiro deixa entrever que o interesse do bodegueiro não era purificar seus produtos, mas lograr seus clientes. Então, no diálogo interno consigo mesmo, devido ao microdiálogo - diálogo que penetrou no âmago da palavra “batizado”, provocando nela luta e dissonância de vozes - dá-se o questionamento: “Por que seria que seu Inácio botava água em tudo?” Na expectativa de resposta para sua indagação e inquietação, outra indagação, que na razão polifônica não se resolve, é proferida em voz alta pelo dono de Baleia: “Por que é que vossemecê bota água em tudo?”.

Alastrando-se horizontalmente na superfície mental, o pensamento de Fabiano se desdobra no exercício de pensar e promove uma rizomática conexão reflexiva, uma vez que a resposta de seu Inácio foi o silêncio. O embate polifônico entre o discurso social referente ao vocábulo “batizado” e o do vaqueiro que denuncia ser o derramar de água no querosene e na cachaça uma forma de sacramentar a exploração financeira que lhe é imposta, ramifica-se por determinação, grandeza, dimensões que crescem e mudam de natureza para outros significantes: desconfiança, furto, lucro, mais-valia. Estes, mesmo subterrâneos, são um convite ao leitor mais bem avisado que, tendo a linguagem literária não apenas como um ato de fruição, mergulha no pensamento da personagem graciliânica e enxerga que o problema de Fabiano é uma inquietação coletiva. Assim, os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais são trazidos para reflexões e discussões por meio do rizomático pensamento de Fabiano, que, ao conectar à dialogização interna da palavra, sua voz, deixa transparecer que “[...] o

processo de significação é feito do deslocamento do que se quer significar, mas em si não significa” (HELENA, 2001, p. 74).

Com isso, adentra-se à quebra com processos rígidos de significação, pois “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma[do] segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 18). Por isso, em Fabiano “O fio da ideia cresceu, engrossou - e partiu-se” (RAMOS, 2006, p. 35), possibilitando-lhe ressignificar e opor-se ao pensamento pivotante no âmbito do entendimento. Um comum exemplo disso é a disseminação do pensamento de que o homem é superior ao animal. Tal conceito sofre em Fabiano uma ruptura assignificante. Para ele a primeira validade significativa não implica numa desconsideração da segunda, antes pode ser retomada nesta. Ou seja, para Fabiano, sentir-se animal, em sua situação de vida, representava resistência, superioridade a muitos humanos que falecem ante as adversidades do meio. É o que ocorre nessas passagens:

457

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio [de uma fazenda sem vida], debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta.

[...]

- Você é um bicho, Fabiano.

Isso para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

[...]

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: ‘- Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.’ Pois viera a seca, e o pobre do velho tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado (RAMOS, 2006, p. 18-22).

A lembrança de Fabiano explicita claramente que ser homem, dotado de competência linguística, superior aos irracionais, não é sinônimo de sobrevivência em meio ao sertão, de verão puxado. Para vencer as

intempéries desse “mundo”, é preciso ser não apenas um bicho, mas um bicho capaz de vencer dificuldades. Nesse sentido, a voz interiormente persuasiva do outro é uma das linhas do discurso de Fabiano: “- Você é um bicho, Fabiano”. Mas ele não a assume como sua no sentido pejorativo que lhe é imposto, antes estabelece com ela uma luta, uma ruptura, comprovando sua inconsistência e dando-lhe novo acento, pois na situação dele ser bicho é ser resistente, ser superior e não o contrário.

A propósito do deslocamento do processo de significação, para mais um exemplo do pensamento rizomático de Fabiano, citamos um trecho do seu primeiro monólogo interior apresentado no capítulo *Mudança*:

Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás?
Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover.
Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por que, mas era. Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem (RAMOS, 2006, p. 15).

Para Deleuze e Guattari, pensar é problematizar, criar, experimentar. Nesse sentido, então, relendo o trecho acima, pode-se dizer que o pensamento de Fabiano acontece, num esforço de criação, experimentação, problematização, a partir do questionamento que se faz sobre a bolandeira e a confirmação dada pelo narrador de que o vaqueiro “era como a bolandeira”. O narrador ao conectar Fabiano com esse ponto - a bolandeira - permitiu ao interlocutor atento perceber que tal comparação “não remete necessariamente a traços da mesma natureza.” Ponham-se em jogo os regimes de signos que são muito diferentes e veja-se: a bolandeira estava parada devido à seca que a impedia de trabalhar. Fabiano, ao contrário, não estava parado, antes era “[...] movido pela seca [...]” (RAMOS, 2006, p. 19). O que equivale a dizer que, a exemplo da metáfora da bolandeira, Fabiano é uma máquina. No entanto,

uma máquina em movimento, desejante, de cortes e fluxos, sempre em conexão com outras. Eis alguns de seus desejos:

Eram todos felizes. sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria, as nádegas bambas de sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas.

[...]

A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.

[...]

Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara de sinha Vitória. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Os chocachos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde (RAMOS, 2006, p. 16).

Ora, quem deseja, pensa, porque insere o desejo na produção do pensamento, mostrando que só há produção porque há desejo. Mas como pensa essa máquina? O que é inserido ou tirado dela? Como funciona? Qual a sua natureza? Essas indagações evidenciam o explícito abandono que se objetiva, aqui, em predizer quem é Fabiano, apresentando-o fechado e acabado. Fica-se, dessa forma, longe de se querer reunir e aprisionar essa máquina desejante num “[...] conjunto molar⁶ unificado e identificável” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 410), mas sim captá-la em seu regime de dispersão molecular ou de agenciamentos.

459

Entendemos, assim, que a máquina desejante - Fabiano - é formada por fluxos e campos de presenças múltiplas - vozes, que permitem inserir ou tirar associações das mais diversas, fazendo-a funcionar em condições de dispersão, numa natureza combatente. Melhor dizendo, Fabiano, é uma máquina desejante revolucionária que se conecta a outras em ativo e efetivo funcionamento introspectivo de desejo por mudanças. Essa máquina luta, moendo e remoendo uma multiplicidade de vozes que são combinadas,

⁶ Não temos o objetivo de abordar extensivamente os conceitos de molar e molecular. Antes, evidenciar que os autores Deleuze e Guattari propõem o termo molar para se referirem aos conjuntos sociais mais amplos e molecular para se referirem aos microprocessos de desejos. Portanto, Fabiano é molecular, é uma “história” dos devires, que não se deixam capturar pela História, ele apenas capta a transformação dos devires em estados de coisas. Os devires são sempre moleculares e Fabiano é a grande forma molar a ser desfeita por esses devires.

recombinadas e polemizadas, via pensamento, como, por exemplo, neste fragmento: “Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. [...] [pois] sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele” (RAMOS, 2006, p. 139).

Podemos inferir, então, que, para expressar o pensamento de Fabiano, o conectivo “e” da lógica imanente para o pensamento foi favorecido. Mesmo que, por economia vocabular, o autor de *Vidas secas* só o tenha explicitado uma única vez, na passagem acima, ele é o elo que propicia a criação de múltiplas entradas das vozes sociais no pensamento do vaqueiro. Tais entradas - a campina seca e o patrão e os soldados e os agentes da prefeitura -- criam um mapa, permitindo a expansão das linhas de raciocínio de Fabiano, pois “[...] um mapa é aberto, é conectável em todas suas dimensões, desmontável... presumida competência” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 22).

Deleuze e Guattari falam de mapas. Na verdade, esse é o quinto princípio do rizoma que difere do sexto, a decalcomania. O pensamento de Fabiano é um conjunto de linhas diversas/vozes, que ele toma emprestadas ou recria. Ao fazer isso, expressa algo por vir, um devir. Fabiano não realiza um decalque das vozes que absorve. Ele não as toma como verdade única, antes as revê, discute, ressignifica, mapeia. Isso possibilita perceber quais serão “[...] as vozes principais do grande diálogo” (BAKHTIN, 2005, p. 75) estabelecido com Fabiano. Todas essas vozes realizarão conexões heterogêneas, respondendo-se umas às outras. Nesse sentido, Fabiano interagirá no sertão nordestino, mundo de multiplicidades, limitado por vozes sócio-político-econômicas hierarquizadas, centralizadas, repetitivas e repetidoras, resultantes de uma ação-pensamento semelhante: limitada e limitante. Nesse sentido,

[...] a problemática de Fabiano decorre diretamente do caráter retrógrado e improdutivo da nossa estrutura agrária, inteiramente inadequada para propiciar um nível de vida mesmo medíocre aos camponeses brasileiros. Obstaculizando o avanço das forças produtivas e dispersando os camponeses, o latifúndio - o monopólio

da terra - torna-se a causa da exploração e da miséria no campo brasileiro; ele - e não a seca, que só tem efeitos catastróficos por causa da estrutura social de dominação da natureza, que tem no latifúndio a sua peça central - encarna o 'mundo convencional e vazio' que impede Fabiano de levar uma vida autêntica [...]. Solitário, [...], Fabiano é presa fácil da exploração e do embuste, impossibilitado de reagir não só as trapaças de seu patrão (nas quais a exploração se faz evidente e imediata), como às 'violências do soldado amarelo', que representa o governo que sanciona e protege a dominação latifundiária (COUTINHO, 1978, p. 105-106).

É contra essa ação-pensamento que Fabiano, aparentemente impossibilitado de reagir, efetiva sua grande ação: o mover-se em seus pensamentos. Devido a sua consciência ativa, há uma intranquilidade dos discursos interiores do vaqueiro, que lutam com as forças externas e desestabilizam limitações, redirecionado-as e transformando-as em novas possibilidades. O contrapensamento da personagem se quer mediador do real-possível-impossível na relação homem-meio-sociedade, evidenciando uma crítica contundente à realidade múltipla que “[...] apresentava-se no Nordeste com cores mais vivas e intensas do que no restante do País” (BRAYNER, 1978, p. 74.). Por esse motivo, “[...] o que ele pensa merece anotação” (RAMOS, G., *apud* RAMOS, C., 1979, p. 125).

O tumulto interior do vaqueiro, o dialogismo interno do drama vivido torna perceptível que ele não é desprovido de pensamento, tampouco de voz, pois “Tudo se passa no pensamento de Fabiano [que] [...] fala palavras que a boca não ousa dizer a um meio hostil onde não encontraria o eco desejado” (FREIXEIRO, 1971, p. 105). Então, Fabiano pensa e mais, fala. Uma fala originária, primordial - não a articulada, a dizível, a verbalizada -, aquela que está no não-dito, que está velada pelo expressado em linguagem simbólica, em linguagem do pensamento. Por esse motivo, ao não se atribuir, de imediato, um sentido para a personagem Fabiano, tivemos, por intuito, que adiar a conceituação na tentativa de realizar uma abordagem diferenciada e mais abrangente do texto. Isso não significa negar-nos a conceituar, mas sim

não sermos simplesmente repetidores acríticos de interpretações realizadas por teóricos que se debruçaram sobre a obra.

Com efeito, o mundo interior da personagem Fabiano, aparentemente, um seco e árido deserto, a exemplo do sertão por ele palmilhado, é, no entender desta pesquisa, o mesmo tipo de deserto evidenciado por Deleuze e Guattari: um campo infinitamente povoado por fluxos nômades de intensidade. Devido a esse fluxo de intensidades - vozes em contestação - “[...] doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha os miolos numa panela fervendo” (RAMOS, 2006, p. 36). Essa efervescência mental, de estruturas não fixas, combatente do privilégio do pensamento que se desenvolve verticalmente, como se fosse uma árvore, evidencia que Fabiano é um ser pensante, tem consciência, sua cabeça não é fraca. Seu eixo de pensamento é horizontal, o dos acontecimentos. O pensamento de Fabiano é articulado à exterioridade, ao fora, à complexidade de sua experiência que ele investiga a partir do atijamento de suas forças de dentro - sua consciência e suas possíveis variações. Ele invade, dessa forma, o campo social, político e econômico e estabelece com eles inúmeras ligações.

Assim, criando ramificações múltiplas que se ligam em relação dialógica com a teoria bakhtiniana de que “[...] o pensamento humano só se torna pensamento autêntico [...] sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros” (BAKHTIN, 2005, p. 86) e com os seis princípios do rizoma de Deleuze e Guattari que conduz seu interlocutor a uma lógica imanente do “e...e...e...” para o pensamento, enxergamos, aqui, Fabiano como um ser dotado de racionalidade, pensante, possuidor de um mundo interior “[...] não falho de sentido, mas [...] bastante significativo” (MARINHO, 2000, p. 80). Esse pensamento significativo possibilita alianças, pois é rizomático.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CÂMARA, Leônidas. A técnica narrativa na ficção de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CANDIDO, Antonio; CASTELO, José Aderaldo. *A presença da literatura brasileira III - Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Ática, 2004.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Paulus, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2004. v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2000. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa. Campinas: Papirus, 1991.
- FREIXEIRO, Fábio. O estilo indireto livre em Graciliano Ramos. In: _____. *Da razão à emoção II: ensaios rosianos, outros ensaios e documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- HELENA, Lúcia. O coração grosso: migração das almas e dos sentidos. *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 65, jan./jun. 2001.
- MAGALHÃES, Belmira. *Vidas secas: os desejos de Sinha Vitória*. Curitiba: HD Livros, 2001.

MARINHO, Maria Cecília Novaes. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas secas*. São Paulo: Humanitas, 2000.

MOURÃO, Rui. Vidas Secas. In: _____. *Estruturas: ensaios sobre o romance de Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Tendência, 1969.

PÓLVORA, Hélio. Retorno a Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RAMOS, Clara. Graciliano revisitado em seu centenário. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Graciliano revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: UFRN, 1995.

Recebido em: 31 de julho de 2014.
Aprovado em: 5 de dezembro de 2014.